Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



ROSANA COELHO – E-mail psi.rosana@gmail.com

RESENHA "AS FRONTEIRAS DA PSICOSE"

Resumo: trata-se de uma resenha sobre o livro "As fronteiras da psicose", a qual busca destacar os principais aportes teóricos e a contribuição do autor do livro para a teoria e a clínica da psicose. Ao percorrer as páginas deste livro, o leitor encontrará não só a transmissão sustentada por um psicanalista experiente, como também valiosos ensinamentos sobre o lugar do analista e a ética própria à *práxis* psicanalítica.

Palavras-chave: psicanálise, psicose, fronteiras

São Paulo
2026

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



ROSANA COELHO – E-mail psi.rosana@gmail.com

Review of the book "The Frontiers of Psychosis"

Abstract: This is a review of the book "The Frontiers of Psychosis," which seeks to highlight the main theoretical contributions and the author's contribution to the theory and clinical practice of psychosis. By reading through the pages of this book, the reader will find not only a transmission supported by an experienced psychoanalyst, but also valuable teachings about the role of the analyst and the ethics inherent in psychoanalytic practice.

Keywords: psychoanalysis, psychosis, boundaries.

São Paulo
2026

Não é o meu primeiro encontro com os escritos de Mauro Mendes Dias, e é sempre gratificante reencontrá-los, pois se trata de uma produção textual que contempla a fina articulação do rigor conceitual com desdobramentos teóricos que fazem avançar o saber psicanalítico, articulação muito bem-vinda e necessária pois é isso que permite a psicanálise continuar vicejando no contemporâneo

Há nos escritos de Mauro uma mirada autoral que ilumina pontos da teoria psicanalítica e nos convoca a acompanhá-lo no pensar e no ler, seja os seus livros, seja os dos autores que ele faz referência.

Destaco, de início, a fertilidade do conceito de fronteiras, trazido pelo autor já na introdução. A articulação feita entre os conceitos de *fronteiras* e de *sem fronteiras* é rica por nos mostrar o deslizamento semântico incessante das noções de doença mental e de saúde mental, sem recorrer a estigmas patologizantes, mesmo ao teorizar sobre o ato criminoso desencadeado pela psicose paranoica. Ainda que não despreze o peso legal que tal ato comporta, Mauro nos convida a colocar o foco na dimensão subjetiva e ética do ato criminoso, destacando a insuportável continuidade experimentada pelo sujeito paranoico na sua relação com o Outro. Nos mostra, com ricos detalhes teóricos, que a indiferenciação extrema nesta relação é o combustível para o desesperado ato de produzir uma fronteira onde nada que venha a proteger o sujeito de sua mortífera dissolução pode ter lugar.

Ao percorrer os aportes freudianos e lacanianos sobre os três afetos originários – amor, ódio e ignorância – elege o ódio como o afeto central na estrutura da paranoia, para nos fazer uma advertência: em termos clínicos, importa que os psicanalistas não corram o risco de tomar a pacificação como um ideal, e assim silenciar este afeto tão humano. Propõe que é o ódio, também, o responsável pelo moldar a relação do sujeito com o Outro, de modo a que haja sempre o trabalho subjetivo de erguer e de derrubar fronteiras, sem que isso, no entanto, nos garanta distância suficiente para uma convivência pacífica. Fazendo deslizar o sentido do substantivo *fronteiras*, do plano geográfico para o plano subjetivo, Mauro observa que, geograficamente, a fronteira é o que marca os limites de um território a outro, pretendendo este limite ter a lei como garantia de sua conservação quando os ânimos se acirram nas contendas por espaço.

Mas, na noção de fronteiras que o autor tece com as linhas da Psicanálise, a expectativa de garantias não é tão romântica nem otimista. Mauro nos lembra que, de Freud a Lacan, temos proposições que situam a impossibilidade de deslindar o amor do ódio. E faz isso sem se valer de uma crítica banal à animalização do humano, antes

sustenta a complexidade do enlaçamento destes afetos e convida o leitor a refletir sobre o encontro com eles e a manejá-los na clínica nossa de todo dia.

Assim, na contramão de tendências que já vemos ter lugar na clínica contemporânea, dita psicanalítica, tendências estas que polarizam os afetos de amor e de ódio, ao propor enquadres teóricos que vendem a cura sem esforço e de modo indolor, e cuja técnica não passa de uma ortopedia que visa o bem do cidadão de bem, Mauro sustenta uma posição teórica e ética que se coaduna com o que Freud nos ensinou: não silenciar o ódio, mas fazer *com ele* um recurso de implicação do sujeito no seu desejo. Somente assim, o autor insiste, é possível uma direção da análise que cumpra o seu fundamental objetivo: o de acompanhar o sujeito na aventura desafiadora que é atravessar a fantasia rumo à suficiente desalienação do Outro.

É com estes aportes que o autor aborda, em mais de um capítulo, e por vários ângulos, a inquietante temática da *folie a deux*, da loucura a dois. Pretendendo iluminar a potência da teoria psicanalítica para ouvir os sujeitos que se enlaçam na loucura a dois, Mauro primeiro diferencia a abordagem que faz dela a psiquiatria e a que faz psicanálise. Destaca que, se a primeira recorre a modelos e paradigmas, servindo-se dos aportes da hereditariedade ou do contágio, a segunda se serve de sua própria metapsicologia para forjar constructos teóricos e técnicos que visem ir além da descrição fenomenológica dos sujeitos enlaçados na *folie a deux*, para assim buscar escapar de proposições que se encharquem em demasia pelo viés ideológico e seu cortejo de preconceitos, algo que é sempre difícil escapar ileso para qualquer corpo teórico.

Ao deslizar, teoricamente, do campo da clínica ao campo da política, é interessantíssima sua consideração da pregnância da folia a dois no enlace do sujeito e o Outro nos regimes políticos totalitários, os quais se esmeram em solapar a propriedade dialética da linguagem, recurso precioso que o sujeito tem para resistir ao poder do Outro totalitário. Aliás, esta *démarche* é algo presente nos escritos de Mauro Mendes Dias, qual seja, a de articular o campo do sujeito e o campo da política, nos deixando ver, de modo cristalino, os efeitos de um campo no outro, *démarche* que a Psicanálise nos revelou desde os seus primeiros anos de vida

Em mais de um capítulo da primeira parte do livro, podemos ver o fio que costura estes dois campos quando o autor aponta e articula teoricamente questões que dizem respeito aos efeitos do discurso da Ciência, do discurso religioso e do discurso mercadológico. Situando elementos comuns a estes três discursos, em outro capítulo, ele nos convida a refletir sobre os móbeis do terrorismo, através da análise do incrível caso do terrorista Unabomber, “um mártir do nome”, como ele apelida este sujeito. E sempre investigando o que quer e o que pode o ódio como uma das paixões do ser, Mauro examina e faz desdobramentos teóricos relevantes sobre as passagens ao ato de forma coletiva, movimento político que eleva a segregação a sua máxima potência, e produz o horror que desemboca nos genocídios. E conclui a primeira parte com a demonstração da fidelidade do autor à causa analítica: um convite irrecusável para tomarmos o conceito de fronteira como um conceito-bússola que nos possa nortear na teorização e na clínica da psicose, mas não sem nos sustentarmos no pilar maior da teoria psicanalítica que o é o conceito de inconsciente.

A segunda parte destaca-se por utilizar os conceitos psicanalíticos no estudo da psicose tomando como dispositivo clínico a apresentação de pacientes. Nela, Mauro dialoga com a psiquiatria para destacar o valor da psicanálise no tratamento da psicose, ao modo de uma corajosa provocação: “Não haverá psiquiatria sem a psicanálise”, título que o autor deu a introdução desta parte. Servindo-se dos conceitos fundadores do campo psicanalítico, remonta ao desejo de Freud, desejo fundador de um campo, cuja perpetuidade não se dará sem que cada um, cada uma psicanalista se dedique a repetir o gesto freudiano.

Assim, Mauro percorre a segunda parte de seu livro, elegendo a apresentação de pacientes como modo de transmissão de uma prática, que é a sua, como ele nos conta na introdução do livro. Mas, também afirma que esta modalidade de ensino nos convoca a um modo de transmissão de um saber fazer com o Real na clínica das psicoses, que pode nos inspirar a olhar mais de perto a provocativa e, porque não dizer, sensível frase de Lacan no texto “Formulações sobre a causalidade psíquica”. Neste escrito, o psicanalista francês cunha a expressão “Não fica louco quem quer”, inaugurando, com ela, uma abordagem da psicose que tira esta estrutura do limbo patologizante que ela ocupava até então. Destacar a apresentação de pacientes como método de estudo, neste livro, não diz do gozo do analista com os princípios do seu poder de exibir seu saber para alunos e interessados, mas sensibiliza para

importância de colocarmos em questão o narcisismo e a suposição de saber na condução da análise nesta clínica que nos desafia, e por vezes nos assombra.

Com uma última observação sobre o conceito de fronteiras, destaco o convite de Mauro para que dois colegas e amigos escrevessem o prefácio e o posfácio do seu livro. No prefácio, escrito pelo psiquiatra e psicanalista Mário Eduardo Costa Pereira, lemos os registros de um encontro antigo e um percorrido elogioso do trabalho do autor com a teoria e a clínica psicanalítica da psicose. E no posfácio, o psicanalista e topólogo Luís Carlos Petry parte dos noturnos, de Chopin, para dizer de seu encantamento com a musicalidade que a teorização de Mauro Mendes Dias sobre a psicose trouxe aos seus ouvidos. Usando seus sólidos conhecimentos sobre topologia, passeia pelos diversos capítulos e dialoga com as proposições teóricas do autor reiterando e iluminando o valor que elas possuem. Dois convites a dois psicanalistas que também trabalham com a teoria e a clínica da psicose: percebe-se, então, que Mauro parece não temer o encontro com as fronteiras que a inevitável divisão de espaço enseja quando se trata de viver e trabalhar entre pares.

Para concluir, tendo percorrido as letras que encorpam este livro, eu retorno à Introdução para dela destacar uma passagem que me chamou especialmente à atenção. É uma passagem na qual o autor, ao recorrer à topologia psicanalítica, nos conta porque não entregou de mão beijada ao leitor a imagem das figuras topológicas que ele fez menção. Leio o que ele mesmo escreve, pois não poderia reproduzir melhor o vigor de sua transmissão, bem como a ética, genuinamente psicanalítica, que os colore:

> Mesmo para o leitor que não tem conhecimento do que seja um nó borromeano, ou um nó de trevo, preferi abordá-lo sem a imagem deles. Esta informação pode ser obtida com poucos cliques no Google. Mas não foi por economia ou descaso que o fiz. Insisto em que é necessário passar da experiência à formalização. E o que vejo acontecer é o contrário disso. Fazem-se ilustrações e indicações do nó borromeano, como se ao mostrar uma montagem do nó fosse suficiente para acompanhar o que levou a ele. Entendo que essa estratégia seja responsável por fazer da Psicanálise um campo insosso, ao lado da justificativa de alinhá-la ciência – responsável pela geração de contestação à Topologia, tanto quanto à Psicanálise (DIAS, 2025, p. 38).

Pois bem, nestas linhas eu leio uma ética que se recusa ao conforto midiático, rentável e espetaculoso da entrega de um saber pronto, acabado e sedutor, e convida o leitor a viver a experiência do desconforto que o não saber evoca, para inspirá-lo a encontrar-se com o desejo de saber. Desejo que norteia a direção da análise, e sem o qual nenhum/nenhuma psicanalista pode, de fato, psicanalisar. É com o desejo de um encontro que convide e inspire cada um/cada uma, a seguir apostando na potência da Psicanálise como teoria e como clínica, que eu recomendo fortemente a leitura deste livro de Mauro Mendes Dias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, M. M. *As fronteiras da psicose.* São Paulo: Iluminuras, 2025.